

FLIP ON MATCHARAN
BIBLIOTECA THE SARAMAGO
TECA THE SARAMAGO
INTERNACIONAL DA JUVENTUDE ROAD J. BORGES
BLIMUNDA
MENSAL N.º 51 AGOSTO 2016 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
O LAGARTO

4

Um livro só existe se é lido

Editorial

6

Leituras

Sara Figueiredo

9

Estante

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

16

Livros na estrada

Sara Figueiredo Costa

24

Saudades da FLIP

35

Uma espécie de Paraíso

Carla Maia de Almeida

49

And the winner is...

Andreia Brites

50

Visita guiada:

Tcharan

Andreia Brites

68

Espelho Meu

Andreia Brites

71

Saramaguiana: Um texto só sobrevive quando muda

Alejandro García

Schnetzer

80

Quem é J. Borges?

85

Agenda

Blimunda

51

Em setembro os leitores de José Saramago terão nas mãos um novo livro, fruto do trabalho de um atento e interessado editor independente e da genialidade de dois grandes nomes da cultura em língua portuguesa. Alejandro García Schnetzer, argentino radicado em Barcelona, foi o mentor do encontro entre as palavras de José Saramago e o inconfundível traço do artista brasileiro J. Borges. Uma e outro compõem *O Lagarto* – texto publicado no começo dos anos 70 como crónica num jornal e posteriormente incluído em *A Bagagem do Viajante*.

Um livro só existe se é lido

Há quatro décadas, quando José Saramago, em Lisboa, escrevia crónicas para jornais, no interior do estado de Pernambuco as xilogravuras de J. Borges começavam a ser conhecidas além do universo da literatura de cordel – género literário que une versos rimados com ilustrações, contando assim uma história. Nos anos 90, quando o português recebeu a consagração definitiva com o Prémio Nobel de Literatura, o brasileiro obteve o merecido reconhecimento internacional com as gravuras que

criou para um livro de Eduardo Galeano.

José Saramago admirava o trabalho de J. Borges, tinha em casa algumas gravuras do artista brasileiro, mas não chegou a conhecê-lo. Agora, seis anos depois da morte do escritor, dá-se, por fim, esse feliz encontro. As xilogravuras feitas especialmente para ilustrar o livro são uma linda homenagem ao Prémio Nobel e um importante contributo para que a história de um lagarto que aparece no Chiado renasça, mais de 40 anos depois de escrita. «Um texto só sobrevive quando muda, e um livro só existe se é lido; senão é um cubo de papel», defende García Schnetzer na entrevista que a *Blimunda* deste mês publica. *O Lagarto*, edição que a Porto Editora em breve apresentará aos leitores, permite que o texto de José Saramago seja lido e relido de outra maneira. E, assim, volte a existir.

Blimunda 51

agosto 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h / 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARÁMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

GONÇALO VIANA

A IMPORTÂNCIA DE UM MAPA

Quem vive em paz talvez nunca tenha pensado no modo como a cartografia é, também, o reflexo do estado em que se vive. Num texto sobre a Colômbia, Javier Ortiz Cassiani reflete sobre essa relação, deixando clara a importância de refazer os mapas colombianos agora que a guerra parece ter acalmado no território: «Los prometedores avances de los diálogos y los acuerdos de paz entre el gobierno y las Farc en La Habana deberían hacernos reflexionar sobre la manera como se ha registrado cartográficamente el territorio nacional. Es posible que hayamos entrado en los tiempos en los que se hace necesario que los geógrafos y los cartógrafos del país – pensando en el futuro – se preparen para construir una cartografía menos reduccionista y aterradora de la nación. Sabemos que en la representación territorial el miedo opera como uno de los límites más contundentes. Existe una cartografía medieval y renacentista con mapas de navegación llenos de criaturas sobrecogedoras que aterrizaraban a los marineros. Ballenas enormes como islas que ahogaban a los confundidos navegantes que acampaban en sus lomos; sirenas que dormían a los marinos con sus cantos, abordaban los barcos, abusaban de los tripulantes, y los arrojaban al mar o devoraban sus cuerpos. Nuestro bestiario cartográfico histórico no es inferior. El espacio ha sido habitado por monstruos de muchas especies.



Monstruos que hacían cortes de franela y de corbata; monstruos que jugaban fútbol con las cabezas de sus víctimas; monstruos que violaban y empalaban mujeres. Esta orgía de sangre ha reducido la representación de algunos territorios a una estética de la barbarie, y anula, con su avasallante brutalidad, cualquier otra opción de representación.»



UMA BIBLIOTECA NO MEIO DA GUERRA

As poucas informações que nos vão chegando da Síria não são suficientes para que percebamos claramente a dimensão de uma guerra que se arrasta há demasiados anos. Há dados sobre avanços e recuos dos combates entre as tropas do regime e as tropas rebeldes, mas o grau de devastação no território e o perigo intenso têm impedido um acompanhamento presente e constante por parte dos jornalistas que faria falta ter no local. Numa guerra, sabemos o que há, mas sabemos também que há mais do que tiros, mortos, cercos, fome. Onde há seres humanos há sempre algo mais e a Síria não é exceção, como se comprova na reportagem de Mike Thomson, da BBC, sobre a biblioteca subterrânea que alimenta a vontade de ler (e de escapar) de quantos foram obrigados a permanecer no meio do fogo-cruzado. Em inglês, lê-se: «At first

glance the idea of people risking life and limb to collect books for a library seems bizarre. But Anas says it helps the community in all sorts of ways. Volunteers working at the hospital use the library's books to advise them on how to treat patients; untrained teachers use them to help them prepare classes; and aspiring dentists raid the shelves for advice on doing fillings and extracting teeth.» E, mais adiante: «There is one child who visits the library every day, however, because he lives next door. For 14-year-old Amjad it is safer there than being above ground, and over time his enthusiasm for the place has earned him the role of “deputy librarian”. In one of our Skype conversations, Anas tells me that as well as aspiring teachers, doctors and dentists looking for technical or academic books, many still just read for the love of it. The majority of their most popular books are by well-known Arab writers such as the poet and playwright Ahmed Shawqi, known as the Prince of Poets, or Syrian author al-Tanawi, who chronicled rebellions in the Arab world.»



A EDIÇÃO VISTA DE DENTRO

Numa entrevista dada a João Céu e Silva, no *Diário de Notícias*, Bárbara Bulhosa fala sobre o seu trabalho como editora da Tinta da China, mas também sobre o presente da edição portuguesa,



os modos de trabalhar com livros e leitores e o impacto da concentração editorial no mercado livreiro. A circulação desta entrevista pelas redes sociais deverá muito às declarações da editora sobre o suposto momento de ouro da literatura portuguesa, separando a questão literária do mercado:

«*Temos tido desses grandes romances em Portugal nos últimos tempos?*

Depois de *O Retorno* [de Dulce Maria Cardoso], que é um livro extraordinário, há alguns de que gostei muito, mas considero que esta nova geração de escritores não é assim tão extraordinária no campo literário.

Porque não leram o suficiente, não praticaram o suficiente ou não deram espessura suficiente às personagens?

É preciso ver caso a caso, mas estamos distantes daqueles momentos históricos, como foi a nossa geração de 1870, em que há um conjunto de génios a produzir: Oliveira Martins, Eça de Queirós, Antero de Quental... Não é o que neste momento está a acontecer em Portugal.»

Sobre o funcionamento atual do mercado, Bárbara Bulhosa diz o seguinte:

«*Os hipermercados são um perigo para a literatura?*

Neste momento, vendem um terço dos livros em Portugal e o que a maior parte das editoras e grupo editoriais fazem é estar a alimentar esse mercado. Não estamos a falar de literatura, não

estamos a produzir mais literatura, apenas a imprimir mais livros.»

Em Portugal, publicam-se 14 mil livros por ano. Não é um exagero?

E houve um retrocesso no número de edições. O que se passa é que o mercado português funciona com essa ilusão de que os livros vão vender muito se estiverem bem colocados. Então, o que se passa é que as editoras estão sempre a receber devoluções! Como os livros têm todos direito a devolução, o que acontece é que se deixo de publicar durante seis meses só vou ter notas de crédito e nenhuma venda. É empurrar com a barriga ou as editoras vão à falência, porque não se vendem assim tantos livros.»



O QUE FICA DO ESPÍRITO OLÍMPICO

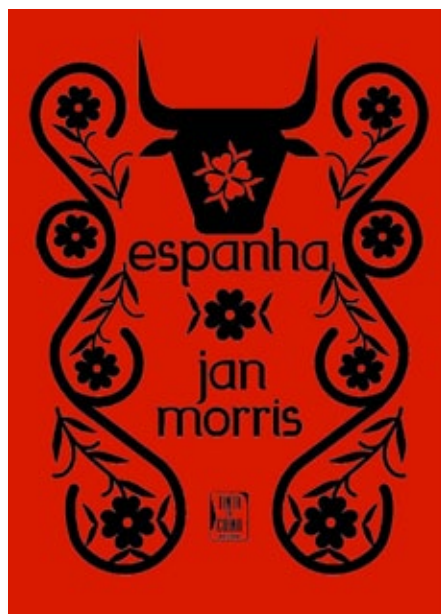
Os Jogos Olímpicos juntam o melhor e o pior da natureza humana e as provas que decorreram no Rio de Janeiro não são exceção a essa regra. Nos dias das olimpíadas deste ano vimos imagens como as de duas atletas, uma da Coreia do Sul, outra da Coreia do Norte, tirando uma selfie sorridente, assistimos à vitória da judoca brasileira Rafaela Silva e foi como se as vítimas das desigualdades sociais

e do racismo pudessem alcançar um pouco de justiça naquela medalha de ouro, vimos momentos de superação pessoal, solidariedade entre competidores, gente que festeja vitórias mesmo que não sejam do seu país, atletas apátridas integrando uma equipa de refugiados que não deveria existir, por não deverem existir as situações que a isso conduziram. Também soubemos das manifestações contra o atual presidente brasileiro, Michel Temer, e contra as obras olímpicas que em nada beneficiaram os habitantes das áreas onde nasceram infraestruturas desportivas (em alguns casos, varrendo quem vivia na zona sem qualquer preocupação). Há muito para ler na imprensa e nas redes sociais sobre tudo isto, o melhor e o pior, mas um trabalho de seleção de imagens publicado pelo site *BuzzFeed* dá que pensar sobre os enormes investimentos financeiros que se fazem em cada olimpíada e que tantas vezes acabam com instalações abandonadas, sem qualquer préstimo, sem que as comunidades que direta e indiretamente pagaram a sua construção tenham qualquer proveito.



Espanha
Jan Morris
Tinta da China

O CORAÇÃO NA TERRA



O título pode parecer demasiado perentório para um livro dedicado a um país territorialmente grande, culturalmente muito variado e socialmente complexo como é Espanha, mas Jan Morris não se deixa intimidar por receios de arruinar o olhar e a escrita com generalizações despropositadas. *Espanha* é uma obra marcadamente datada, publicada pela primeira vez em 1964 e ocupada com uma realidade (ou muitas, na verdade) que talvez já não seja totalmente reconhecível por quem visite a Espanha do século XXI. Revisto em 1979, já depois da morte de Franco e da chegada da democracia, o livro dá conta dessa mudança fundamental naquilo que são os seus primeiros fôlegos, deixando em aberto os abalos mais profundos que a nova realidade política trará à sociedade.

Apesar de estas marcas cronológicas serem visíveis em todos os capítulos, quando se diz que este é um livro datado não há qualquer intenção de desvalorizar um texto que é todo argúcia no modo como cruza conhecimentos, interesse pelo outro e capacidade de reflexão. O que acontece ao longo da leitura de *Espanha* é a constatação do muito que se alterou – a Andaluzia já não terá a sua paisagem definida pelas mulas de alforjes carregados, as aldeias remotas já não serão tão remotas, o sossego das tabernas castelhanas à hora do calor já se confrontará com um ou outro toque de

telemóvel. A contemporaneidade não deixou Espanha incólume, à semelhança de quase todo o mundo, mas o que sobressai na escrita de Jan Morris não é o desfasamento em relação ao passado, e sim a capacidade de tornar o passado um lugar de referência para compreender o presente. Quando convoca heranças como as que os muçulmanos ou os romanos deixaram, ou quando enumera pintores, arquitetos e heróis literários, Morris não está a listar velhas glórias

nem a exhibir conhecimentos enciclopédicos, mas antes a ler um território à luz de tudo o que ajudou a construí-lo, da paisagem aos sedimentos humanos.

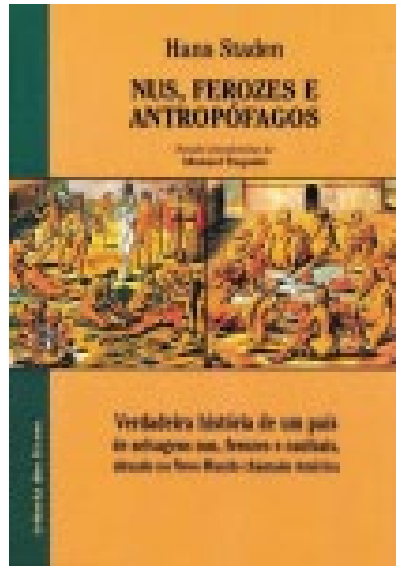
Serão a argúcia da observação e o interesse genuíno pela compreensão do que rodeia a sua narradora que fazem deste um livro que importa ler, mas há que acrescentar o tom apaixonado da autora quando fala de Espanha, uma paixão de ordem etimológica, remetendo para um sofrimento dedicado onde reconhecemos a armadilha da irracionalidade de onde é muito fácil abeirarmo-nos quando o tema nos é caro. Jan Morris fala das terras espanholas por onde passa e daquilo a que poderíamos chamar a alma de Espanha com um certo desprendimento, por vezes a raiar o desprezo, acentuando a falta de cosmopolitismo, o novoriquismo que vai crescendo, a dependência moral de um catolicismo que, afinal de contas, sempre comandou tudo. Não é diferente de qualquer espanhol (ou português, ou italiano...) dedicado a apontar defeitos ao seu país quando o que quer é mostrar-lhe os valores. Ao mesmo tempo, a sua devoção à terra é imensa, a comoção perante certas paisagens, pequenos gestos, um ou outro encontro é notória em cada capítulo, e o contraste acaba por engrandecer sobremaneira uma voz narradora tão simultaneamente lúcida e emocional como o país sobre o qual escreve.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



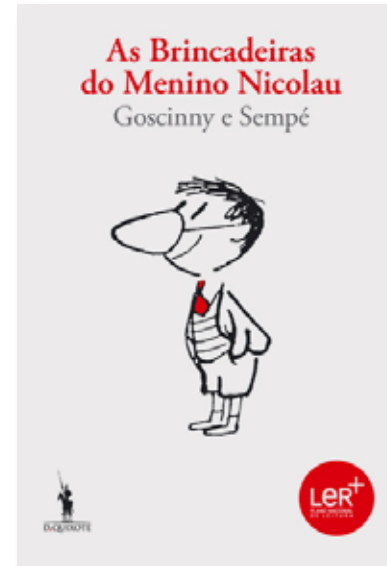
CESAREA.COM.BR



Nus, Ferozes e Antropófagos

Hans Staden
Feitoria dos Livros

Em 1547, Hans Staden viaja para o Brasil em busca da preciosa madeira e acaba por dedicar-se a anotar o que vê através de cuidadas xilogravuras e algum texto. O resultado foi amplamente divulgado na Europa, numa altura em que a curiosidade sobre o «novo mundo» imperava, e é agora reeditado com um prefácio que contextualiza a época e os seus atores.



As Brincadeiras do Menino Nicolau

Gosciny e Sempé
D. Quixote

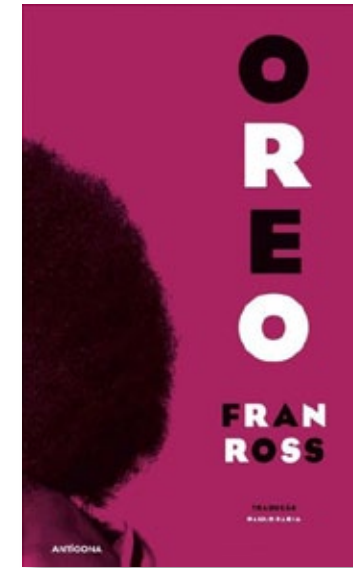
Num formato ligeiramente maior e com guardas reforçadas, a D. Quixote reedita um dos volumes das histórias de Nicolau. Sem lugar para o tédio, o protagonista narra, na primeira pessoa, todas as pequenas aventuras que vive, principalmente com os amigos da escola, mas também com a família. O humor é o principal ingrediente das tropelias, sempre narradas de uma perspetiva *naïv* e dentro de uma lógica silogística própria. Datadas da década de 1960, as dezassete histórias continuam a cumprir o seu desígnio: fazer rir.



O Melhor do Humor Brasileiro

Flávio Moreira da Costa
Companhia das Letras

Ao longo de vários anos, Flávio Moreira da Costa colecionou crônicas, poemas, contos e excertos de romances ou peças teatrais de autores brasileiros onde o humor é ponto essencial. Dos primórdios da colonização aos dias de hoje, esta antologia confirma a ironia, o sarcasmo e algum escárnio desbragado como elementos estruturantes da produção literária do Brasil.



Oreo

Fran Ross
Antígona

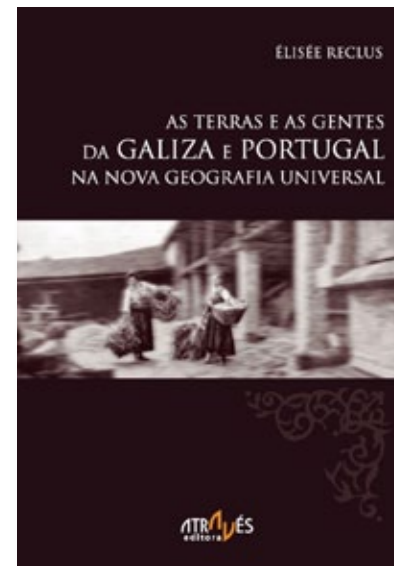
Escrito em 1974, *Oreo* conta a história de uma rapariga negra de Filadélfia que parte para Nova Iorque em busca do pai, judeu. Este romance poderia ter sido o início de uma carreira fulgurante, não tivesse a sua autora morrido entretanto. Apesar disso, é um marco essencial para compreender a identidade americana e a sua complexa aventura ao longo do século XX, entre os direitos civis e a herança escravagista, entre a cultura pop e a necessidade de encontrar um rumo.



Beja

Susa Monteiro
Pato Lógico

Um mapa de afetos, foi a proposta da editora à ilustradora. Assim se inaugura uma coleção na qual se propõe a ilustradores que escolham uma cidade, seja a natal ou aquela onde vivem, e a retratem, dando ênfase aos seus lugares. Aqui pode o leitor descobrir outra cidade de Beja, aquela que vem acompanhada pelas palavras e as ilustrações de quem lá vive. Não falta a Biblioteca Municipal, a Torre de Menagem ou a esplanada preferida. É uma história de vida que apetece ir viver um bocadinho.



As terras e as gentes da Galiza e Portugal na Nova Geografia Universal

Élisée Reclus
Através Editora

Élisée Reclus foi um geógrafo que viveu entre 1830 e 1905, cruzando a sua atividade profissional com a militância anarquista. O texto que agora se publica é parte da sua *Nouvelle Géographie Universelle*, uma obra reconhecida internacionalmente onde o autor deu a conhecer as terras mais ocidentais da Península Ibérica.



O caminho das árvores

Pep Bruno e Mariona Cabassa
La Fragatina

Neste pequeno conto moral, um menino aprende que não é preciso ser o mais forte nem o maior para conseguir alcançar um sonho. Basta dedicar-se a observar o outro. Numa toada poética e universalizante, Pep Bruno fecha com mestria e harmonia a narrativa, depois de o menino subir à árvore e descrever ao avô o entardecer que ele não via. A delicadeza dos padrões e a profusão de cor, associadas ao movimento, enquadram o texto num espaço de fantasia, abrindo-o para um novo mundo.



Revisão. Bandas Desenhadas dos Anos 70

VVAA

Chili Com Carne

Celebrar a revista *Visão*, uma publicação de banda desenhada que constituiu uma das mais relevantes ruturas estéticas no Portugal do pós-25 de Abril, há 40 anos, é um dos propósitos deste volume, que reúne trabalhos ali publicados, ao lado de outros que surgiram em publicações de menor tiragem, todos ainda hoje capazes de surpreender pelo seu vanguardismo e vontade de experimentar.

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

ANDREIA
BRITES

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**

mART

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



credito do Museu de Lisboa - cmu

CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC



SARA
FIGUEIREDO
COSTA

LIVROS NA ESTRADA

Quem chega a Lisboa para uns dias de férias turísticas tem alojamentos variados à disposição, restaurantes para todos os gostos, uma ampla oferta de serviços que incluem guias, meios de locomoção, viagens a outros lugares de Portugal e a parafernália de mapas, folhetos e informações que caracterizam as cidades onde o turismo cresceu e se afirmou como atividade económica essencial. Quanto à cultura, é conhecida a oferta de museus, galerias, bibliotecas, teatros e salas de espetáculo, mas é provável que só os turistas mais informados e dedicados a conhecer esses espaços venham preparados para os encontrar. Em Lisboa como no resto do mundo. Neste verão, quem chegar a uma das zonas mais movimentadas da capital portuguesa no que ao turismo diz respeito encontrará outros atrativos. Na praça do novo Museu dos Coches, em Belém, uma furgoneta amarela e vermelha mostra uma seleção de livros de autores portugueses ou sobre temas da cultura local.



LIVROS NA ESTRADA

Ideia da livraria Fonte de Letras, de Évora, a On The Road é uma livraria sobre rodas que vende livros como qualquer livraria, mas também presta o serviço de dar a conhecer aos estrangeiros que nos visitam o que por cá se faz no campo literário, mostrando igualmente a gastronomia, o património natural, a arquitetura, a história, a ilustração. «Nasceu de uma ideia de partilha. Partilhar essencialmente a cultura portuguesa com quem nos visita. Por um lado, temos a literatura portuguesa, por outro, os livros que dizem respeito a Portugal e a Lisboa e que falam sobre temas como a gastronomia ou o património», explica Mário Nascimento, o livreiro desta furgoneta que parece agigantar-se na praça.

Num pequeno escaparate colocado a alguns metros da livraria sobre rodas, Fernando Pessoa, José Saramago, livros sobre comida portuguesa e sobre Lisboa, um livro de João Fazenda, da Pato Lógico, e outro de Madalena Matoso, com chancela da Planeta Tangerina. É apenas uma amostra do que pode encontrar-se na livraria propria-



LIVROS NA ESTRADA

mente dita, instalada na retaguarda da furgoneta. Abertas as portadas e a lateral, uma montra de livros ganha espaço onde parecia não caber muita coisa. O destaque vai para a literatura, como mostra o livreiro: «Temos desde os consagrados, como Pessoa ou Saramago, até aos mais jovens, de Afonso Cruz a José Luís Peixoto, passando por Gonçalo M. Tavares. Tínhamos cá um do Valter Hugo Mãe, mas desapareceu depressa, porque uma senhora brasileira gostou do livro, já tinha ouvido falar do autor, e comprou-o logo.» Vários volumes mostram a riqueza da gastronomia portuguesa, entre comida e vinho, e outros tantos destacam uma das áreas onde os criadores portugueses se têm destacado nos últimos anos, a da ilustração e do livro para a infância. «Depois temos os livros para crian-



LIVROS NA ESTRADA

ças, sobretudo de novas editoras, que têm livros muito bons, como a Planeta Tangerina ou a Orfeu Negro. Temos ali em destaque o *Oinc!*, com ilustrações de Paula Rêgo, por exemplo. Também temos alguns livros únicos, como este que se chama *Le Mariage Parfumé*. São histórias e lengalengas portuguesas traduzidas para francês, numa edição bilingue de uma editora francesa, a Chandeigne. É um livro de luxo, com belas imagens e um papel de grande qualidade.»

Livros de autores portugueses ou sobre temas da cultura portuguesa compõem o pequeno fundo deste estabelecimento livreiro sobre rodas. E mesmo quando aparece um ou outro potencial cliente à procura de outros títulos, a ideia original prevalece: «Já me perguntaram pelos livros da Elena Ferrante. Uma pessoa que ia para a praia e passou por aqui perguntou-me se não tinha e claro que podíamos ter outros livros, mas isso já fugia um bocadinho à nossa ideia principal, de divulgar a cultura portuguesa», explica o livreiro, acrescentando a necessidade de ter em conta o espaço limitado para mostrar os livros.



LIVROS NA ESTRADA

Enquanto conversa com a *Blimunda*, Mário Nascimento vê a livraria ambulante rodeada por um grupo de turistas asiáticos. Acabaram de sair do Museu dos Coches e param para ver os livros. Tsai Kuang-Chao vem de Taiwan e está quase certo de reconhecer o rosto do livreiro no pequeno busto de Fernando Pessoa que se encontra no meio dos livros. Não é a primeira vez que acontece, como nos contou, o que não deixa de provocar alguma estranheza. Apesar disso, também há muitos turistas que reconhecem imediatamente a figura de Pessoa, sabendo perfeitamente de quem se trata. Kuang-Chao mostra-se agradado com o que viu: «É um espaço muito interessante, tão pequeno e com capacidade para mostrar tantos livros. Conheço muito mal a literatura portuguesa, mas agora já posso ter uma ideia do que se escreve por aqui.»

Nem todos os turistas compram livros, o que diz tanto sobre a necessidade de fazer deste um projeto sustentável como sobre o verdadeiro serviço público que a *On The Road* tem prestado nestes dias em Belém. Há quem venha apenas para descobrir o que se guarda dentro da furgoneta, há quem aprecie os livros mesmo não conhecendo os autores e há os que se rendem e acabam por levar um volume. Também há leitores que sabem ao que vêm, como em qualquer livraria. «Por vezes aparecem pessoas com ideias bastantes definidas, outras vezes conversamos um bom bocado até que surja um interesse concreto. Por exemplo, tivemos aqui uma edição rara de *Livro do Desassossego* em francês que foi comprada por um francês, muçulmano, depois de conversarmos um pouco sobre o assunto», conta Mário Nascimento. Certo é que por aqui passam pessoas de todas as origens: «Há crianças dos campos de férias, que vêm visitar o museu, há portugueses que emigra-

LIVROS NA ESTRADA

ram e que estão cá de férias e há gente de todo o mundo. Já por aqui passaram russos, australianos, chineses, brasileiros, até um senhor das Maldivas, um sítio em cujo povo nunca tinha pensado muito, se calhar porque associamos sempre o lugar aos *resorts*... Mas há lá pessoas, há um povo, e fiquei a conhecê-lo um bocadinho com esta visita.»

A livraria sobre rodas com nome de romance de Jack Kerouac está parada numa praça lisboeta, mas pode andar por outros locais. «A furgoneta anda realmente, ainda que não esteja preparada para viagens muito longas em pouco tempo. Não veio de Évora assim, mas poderia ter vindo, se tivéssemos parado muitas vezes. Aqui em Lisboa, está totalmente preparada para mudar de sítio, se quisermos», explica Mário Nascimento, que não esconde a vontade de estacionar noutras paragens. «Para já, ficamos por Lisboa, o que não quer dizer que não possamos ir a outros locais, quem sabe a Óbidos, ou outros sítios. Por agora, o raio de ação é Lisboa, e agora é a zona de Belém.»



LIVROS NA ESTRADA

Como em qualquer livraria digna desse nome, o facto de a On The Road contar com um livreiro que conhece os livros que vende é meio caminho andado para que as coisas corram bem. Correr bem, neste caso, avalia-se pela quantidade de pessoas que param para ver os livros, que conversam com o livreiro, que vão comprando alguns títulos. A sustentabilidade do projeto ainda não terá sido alcançada, mas nem todos os êxitos se medem em euros. «Ainda é um balanço que temos de fazer, mas à primeira vista se conseguirmos que isto seja sustentável, será muito bom. Por agora, temos de agradecer aos mecenas e aos patrocinadores, do Museu dos Coches, que nos proporcionou este espaço privilegiado, à minha mulher e aos meus filhos, que já não vejo há quinze dias, ao restaurante que me tem alimentado e cujo nome não digo, para não ficar estragado como os outros... Têm sido mecenas muito próximos, juntando ao Instituto do Emprego e Formação Profissional, que talvez contribua com um apoio para ajudar a que isto seja sustentável e possa continuar. Segundo critérios estritamente financeiros, ainda não é.» Apesar disso, outras contas se poderiam fazer, a começar pelas centenas de pessoas, portuguesas e de outros países, que por estes dias têm um contacto inesperado e privilegiado com parte tão relevante da cultura portuguesa. Se isto não é serviço público, o que será?

FOTOGRAFIAS DE SARA FIGUEIREDO COSTA



SAUDADES SAUDADES

SAUDADES DA FLIP

«A Flip é mais do que um evento, é uma manifestação cultural», lê-se no material de divulgação da Festa Literária Internacional de Paraty, encontro que desde 2003 se realiza anualmente na cidade brasileira. Mas talvez a melhor maneira de definir o festival carioca seja simplesmente dizer que se trata de uma festa, uma festa ao redor dos livros. E como uma boa festança, a Flip deixa saudades.

Isso verificou-se na sessão realizada na Fundação José Saramago no final do passado mês de julho, que reuniu três portugueses e três portuguesas – uma delas, Pilar del Río, espanhola naturalizada – que estiveram em Paraty este ano. A reunião teve como objetivo fazer um balanço do principal encontro literário brasileiro e pensar formas de Portugal vir a ter uma presença mais efetiva e continuada no festival. «Depois da Flip – uma conversa sobre a festa literária de Paraty» era o título da conversa que teve como ponto comum, extraído da intervenção de cada um dos participantes, a vontade unívoca de, para o ano, retornarem a Paraty. Entre os presentes havia uma veterana da festa carioca, a editora Bárbara Bulhosa, sendo que os demais fizeram a sua estreia este ano. Tito Couto e Paulo Ferreira, ambos da consultora editorial Booktailors, viajaram para o Brasil sobretudo porque viram possibilidades de negócio. Pilar del Río, presidenta da Fundação José Saramago, foi ao festival quase que para pagar uma dívida. «Para os brasileiros era uma espécie de dado adquirido que o Saramago e a Pilar já tinham ido a Paraty, e foi com enorme surpresa que perceberam que nenhum dos dois lá tinha estado», conta Anabela Mota Ribeiro, que foi a Paraty, assim como Pilar, a convite

SAUDADES DA FLIP

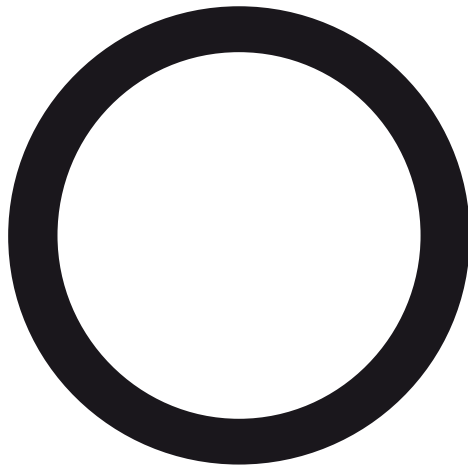
da Casa Cais, uma das «casas parceiras» que ofereceram uma programação paralela à Flip. Ricardo Araújo Pereira foi um dos convidados ilustres do festival e participou numa das mesas mais aguardadas. «Como dizem os brasileiros, ele deu show de bola», brincou Anabela Mota Ribeiro, moderadora da sessão na Fundação José Saramago.

De entrada a jornalista lançou uma pergunta: Por que vale a pena ir a Paraty? «Recomendo a ida à Flip para qualquer pessoa que gosta de literatura, de falar com agentes culturais, de trocar ideias com livreiros, editores, jornalistas. Ali realmente concentra-se a elite cultural do Brasil. Para mim é fundamental, mesmo quando eu não levar autores vou a Paraty porque é muito enriquecedor para o meu trabalho», respondeu Bárbara Bulhosa, fundadora da Tinta-da-China. Para a editora, um dos segredos do sucesso do evento é a possibilidade de os encontros se darem não apenas durante as mesas e atividades oficiais. «A Flip não é um festival literário, é uma festa, porque para além das mesas centrais há toda uma programação à sua volta. E depois, à noite, as editoras fazem festas e vamos todos para os copos. Ou seja, há um convívio, uma grande disponibilidade das pessoas e temos o privilégio de conhecer autores.»

Tito Couto voltou do Brasil impressionado com o que viu e ouviu. «O que mais nos surpreendeu é que falámos sempre em Paraty como se fosse um festival e não é, são 15 festivais. Porque temos a programação oficial, que tem um espaço próprio que leva algumas centenas de pessoas

SAUDADES DA FLIP

e cá fora outras centenas a assistir nos ecrãs, e depois na própria cidade há mais de uma dezena de casas que são geridas por editoras ou por outras entidades e que têm programações próprias, de manhã à noite, com mesas que se sucedem, e que estão sempre cheias. Portanto ir para lá é ser completamente submerso em ofertas de debates dos mais variados tipos», apontou.



Outra aspeto que chamou a atenção do consultor literário foi a «atitude» de quem vai ao festival, ponto que considera mais difícil de replicar em outros festivais. «Para quem nunca lá esteve, digo que a Flip está mais próxima dos Santos Populares de Lisboa do que de um festival literário, porque as pessoas vão para lá para se divertirem, saírem à noite, dançar, beber uma cerveja.» Sem deixarem de lado, acrescenta, o programa literário. «E também para assistir a mesas que podem ter um Prémio Nobel ou um escritor que veio do Nordeste brasileiro, da Amazónia, alguém que veio falar de assuntos como a discriminação racial na literatura. Ou seja, é muito ampla a programação.»

Curadora do FOLIO (Festival Literário Internacional de Óbidos), Anabela Mota Ribeiro esteve em Paraty para participar da programação paralela – deu uma aula sobre Machado de Assis – e também para ver e conhecer boas iniciativas que podem ser trazidas para Óbidos. Uma delas já acontecerá este ano: a Casa Cais terá um espaço no FOLIO. «Falou-se muito da programação paralela de Paraty, que este ano rivalizou em impacto, público e interesse com a

SAUDADES DA FLIP

programação oficial, e quando se falava disso a cara usada para ilustrar essas notícias era a da Pilar», resumiu Anabela. Para Pilar, ir a Paraty foi como visitar pela primeira vez um lugar já conhecido: «Desde 2003, a Flip foi entrando em Portugal através das informações que chegavam, das reportagens, dos comentários, etc. E com o tempo transformou-se em algo nosso, parecia algo também português ainda que estivesse do outro lado do oceano», comentou. «Ter ido este ano foi estupendo, foi uma surpresa. Reúnem-se milhares de pessoas para falar de literatura, mas é também um projeto não só económico, como cultural e de moda. Acho que devemos perguntar-nos o que podemos aprender com a Flip», acrescentou.

Como era de se esperar, Ricardo Araújo Pereira distribuiu boas piadas durante a sessão na Fundação José Saramago. Contou que se sentiu um pouco deslocado ao ver-se ao lado de grandes nomes da literatura mundial, algo como aqueles puzzles da Rua Sésamo em que se vê uma banana, uma maçã e um sapato, e se pergunta o que há de errado ali. «Eu sou sempre o sapato», brincou. «É obvio que era bizarro eu estar lá, ao lado da Prémio Nobel de Literatura e do norueguês que vendeu milhões de livros [Karl Ove Knausgård]. Há de facto muita gente que vai a Paraty e que está interessada em livros. Eu fui com o mesmo interesse, fui mais para ver, e aconteceu ficar com um bom lugar porque eu estava no palco.» Num momento de mais seriedade, RAP refletiu sobre

SAUDADES DA FLIP

o sucesso do encontro literário brasileiro. «Estava a pensar sobre a razão do êxito da Flip, há qualquer coisa ali naquela festa de Paraty que se calhar outras festas literárias não têm. Talvez algumas das razões sejam, primeiro, porque Paraty é um sítio lindo, realmente muito bonita aquela costa recortada. É um sítio que fica a meio caminho de São Paulo e do Rio, duas cidades que têm praticamente a população de Portugal cada uma, e isso ajuda muito a que o festival esteja cheio.»

Paulo Ferreira, um dos fundadores da Booktailors, falou dos objetivos comerciais da ida ao festival. «Estamos há alguns anos para ir a Paraty, nós temos o Brasil como um mercado muito importante em termos de representação dos nossos escritores. Tivemos a oportunidade de conhecer um festival que é uma referência, de que toda a gente falava, que era importante também pela questão da língua portuguesa.» O consultor editorial tornou pública uma ideia que nascera durante os dias da Flip, a criação de um espaço permanente para a cultura portuguesa. «Olhando para as edições anteriores pensámos que seria muito bom se o próximo homenageado fosse o José Saramago. E mesmo se não conseguíssemos, pelo menos poderíamos ter uma Casa José Saramago. O Saramago é tão aclamado no Brasil como em Portugal, portanto vamos aproveitar isso. E era bom até ao mais alto nível montar-se uma embaixada na Flip e assim apresentar a nossa cultura, a nossa literatura, tendo o José Saramago como figura central.»

SAUDADES DA FLIP

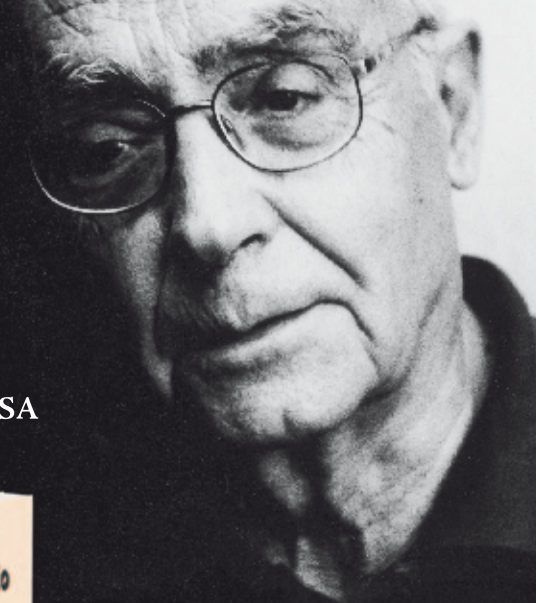
E o que pensa Pilar sobre isso? «Acho que a literatura portuguesa deveria ter um espaço na Flip, mas algo que fosse feito pela iniciativa privada. O Estado não tem que propor essas iniciativas, penso eu, mas sim apoiá-las e ajudá-las, facilitar que aconteçam», disse a presidenta da FJS, que também destacou o valor económico da cultura: «É necessário sublinhar a importância económica das línguas. Ter Portugal sido convidado para a Feira do Livro de Bogotá, por exemplo, significou que se abrissem linhas de negócio, maneiras de se conhecer, uma rota aérea direta. Os idiomas, as literaturas, as culturas, podem ser bandeira de arranque na relação entre vários. Creio que que deveríamos, sim, estar no Brasil. É preciso dar a conhecer os escritores brasileiros em Portugal e os portugueses no Brasil.»





Divulgação Flip/André Conti

JOSÉ SARAMAGO



CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



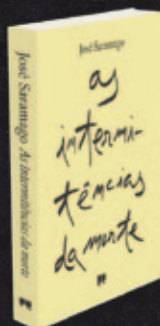
Eduardo Lourenço



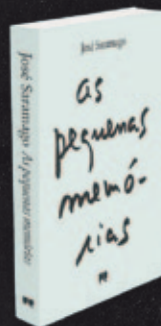
Armando
Baptista-Bastos



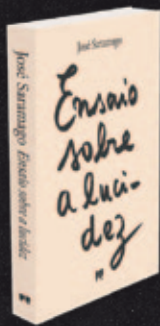
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mãe



Gonçalo M.
Tavares



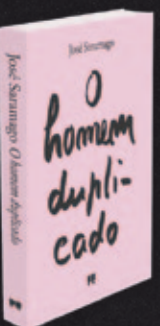
Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



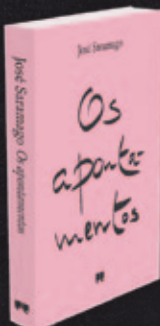
Júlio Pomar



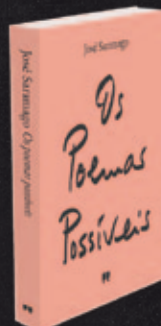
Lídia Jorge



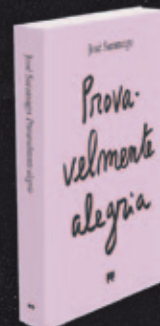
Mía Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

GERADOR

a levar a cultura
PORTUGUESA
A TODO O
lado

O GERADOR É UMA PLATAFORMA
DE ACCÃO E COMUNICAÇÃO
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

♥
DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

4



UMA MAE ESPECIAL
CIEDE PAR
AÍSO

CARLA
MAIA DE
ALMEIDA

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

«Queimar tudo exceto *Emílio e os Detetives*». A máquina de escrever registou a ordem do ministério de Goebbels e o nome de Erich Kästner foi incluído na lista de autores censurados pelo Terceiro Reich. No dia 10 de maio de 1933, milhares de livros da biblioteca da Universidade de Humboldt, a mais antiga de Berlim, foram publicamente consumidos pelas chamas, uma medida replicada nas principais cidades alemãs e prolongada nos dias seguintes.

A

ssumido opositor do regime nazi, Kästner fazia uso de uma veia crítica e satírica que não escapou à nova moral imposta. «Pela disciplina, pela decência na família e pela propriedade»: eis a acusação que lhe coube, refere Fernando Báez na *História Universal da Destruição dos Livros*. O que distinguiu Kästner de Freud, Thomas Mann, Erich Maria Remarque e tantos outros autores proscritos foi a experiência traumática de assistir à destruição da própria obra. O «bibliocausto», como então lhe chamou a revista *Time*.

Salvou-se das chamas a aventura juvenil publicada quatro anos antes. Nem mesmo a desafiadora autonomia de um bando de rapazes berlinenses, livres de circular pela cidade e driblar as regras dos adultos, foi pretexto para enaltecer a «disciplina» e a «decência na família». A grande popularidade do livro – e também o carácter inofensivo atribuído ao género – serviu de álibi no dia em que as fogueiras iluminaram a Europa de negro. Agora,

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

na Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique, podemos ver um papel amarelecido pelo tempo, crivado de letras datilografadas pelos seguidores de Hitler. Com a ressalva que representa uma luz na escuridão: «Queimar tudo exceto *Emílio e os Detetives*».

Doze anos depois do bibliocausto, os mesmos e outros rapazes berlinenses, desta vez reais, partilhavam uma terrível e involuntária irmandade. Eles eram as «crianças das ruínas», vultos fugidios procurando sobreviver a mais um dia sem guerra, atentos ao perigo e à salvação precária. Rapazes e raparigas de todas as idades que vasculhavam os escombros e vendiam os seus cupões de racionamento no mercado negro. Foi este o cenário com que Jella Lepman se deparou, em outubro de 1945, ao ser convidada pelo exército dos Estados Unidos a exercer o cargo de «consultora para as necessidades culturais e educativas das mulheres e crianças na zona Americana». A sua decisão mudaria a vida de milhões de leitores em todo o mundo.

Mas não se tratou de uma escolha antecipada, nem sequer imediata. «Se apenas os adultos estivessem envolvidos, não teria hesitado em dizer que não», conta, no relato autobiográfico dos acontecimentos que precederam a construção da Biblioteca Internacional da Juventude e a fundação do International Board on Books for Young People (IBBY). «A palavra *re-educação* também não me dizia nada, no que aos adultos dizia respeito. Mas as crianças – será que essa mudança não era necessária?»



À descoberta da língua inglesa



Jella Lepman, circa de 1950



No interior do Bibliomóvel



A Biblioteca Infantil dispõe de 25 mil livros



Castelo de Blutenburg, sede da BIJ

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

Aos 54 anos, viúva, com dois filhos, Jella Lepman dedicou-se à tarefa movida por um pertinaz espírito de missão, pragmatismo q.b. e uma confessada tendência para agir sozinha, por vezes à revelia das normas. Mas qual era a tarefa, exatamente? Ninguém sabia. Em *A Bridge of Children's Books (Die Kinderbuchbrücke)*, publicado na Alemanha em 1964 e posteriormente traduzido em inglês, explica: «Esta era uma situação inédita na história, com os vencedores a assumirem que era seu dever ajudar os vencidos a porem-se novamente de pé, e a darem voltas à cabeça sobre como fazê-lo.»

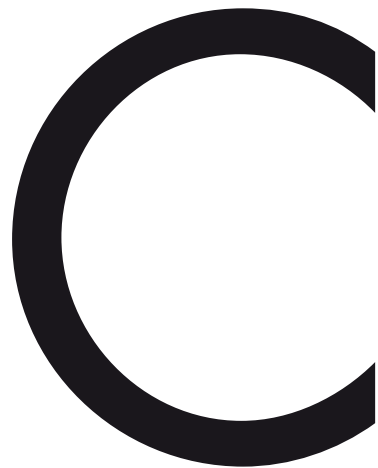
A

experiência jornalística, adquirida por força das circunstâncias desde que perdera o marido para a I Guerra Mundial, forneceu-lhe as primeiras pistas. Com um soldado americano ao volante do *jeep*, começou a recolher factos e testemunhos, observando a realidade do pós-guerra, mexendo nas feridas abertas do país que tinha deixado para trás, no devido tempo. A viagem em todo-o-terreno durou semanas, com paragens em várias cidades onde a guerra tinha escavado um lugar para a incerteza. De origem judia, exilada em Londres desde a ascensão do nazismo, Jella Lepman confrontou-se com os escolhos de uma terra de ninguém: «Senti-me como uma estranha rodeada de estranhos.»

Talvez esse sentimento de não-pertença tenha contribuído para fazer emergir uma visão

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

de futuro, assente num idealismo com os pés na terra. Podemos apenas especular. Porém, o desejo foi formulado sobre alicerces bem concretos: que a literatura infantojuvenil pudesse ser um território comum para todas essas crianças das ruínas, ávidas de comida e, nas suas próprias palavras, de «alimento espiritual». O alcance visionário desta ideia consistiu em imaginar que os livros pudessem chegar de todas as partes do mundo e ser uma ponte entre as muitas culturas da infância. Ainda hoje é assim.



Contornando a burocracia militar e as vozes mais críticas, Jella Lepman planeou o primeiro projeto: uma exposição internacional de livros para crianças, a inaugurar em Munique, cidade-bastião do Terceiro Reich. Só havia um problema, no meio de tantos outros. Os últimos doze anos tinham erradicado as obras não alinhadas com a propaganda nazi. Era preciso trazê-las para a Alemanha, depressa e sem custos.

Escreveu então a editoras de vinte países, pedindo que oferecessem livros, sobretudo álbuns (*picture books*) ou livros profusamente ilustrados, «para ajudar a ultrapassar a barreira da língua». Pediu também desenhos feitos por crianças, capazes de «trazer alegria e falar uma linguagem internacional». Apenas um país deu uma resposta negativa, a Bélgica, por duas vezes alvo das invasões alemãs. Jella insistiu: «Peço-vos que

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

reconsiderem a decisão. O vosso país é precisamente aquele que precisamos de mostrar como um recomeço às crianças da Alemanha. Não é do vosso interesse ajudar a educar uma geração apta a garantir que uma terceira invasão nunca seja receada?». Os belgas enviaram os livros. A 3 de julho de 1946, fez há pouco sessenta anos, a Exposição Internacional de Livros para Crianças abria ao público no *Haus der Kunst*, até aí um símbolo da arquitetura monumental nazi. Erich Kästner, amigo próximo de Jella Lepman, foi um dos convidados. No dia seguinte, nas páginas do jornal *New Zeitung*, citou as celebridades presentes com assinalável humor: David Copperfield, Robin Hood, o Último dos Moicanos, o Gato-das-Botas, Winnie-the-Pooh, Mickey Mouse e um pequeno touro chamado Ferdinando, entre muitos outros. Não mencionou *Emílio e os Detetives*, mas Jella Lepman retificou o excesso de humildade e incluiu as personagens em *A Bridge of Children's Books*.

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

Passaram-se mais três anos. Inaugurada a 14 de setembro de 1949, numa casa nobre da cidade de Munique, a Biblioteca Internacional da Juventude começou com um acervo de oito mil livros de 23 países. Metade destes vinham da Exposição Internacional de Livros para Crianças. Tal como hoje acontece, todos eram provenientes de doações. Só os números cresceram exponencialmente: em 2016 são 620 mil livros, para o ano serão 630 mil. Esta é uma biblioteca-arquivo, o que significa que os cerca de dez mil títulos que dão entrada anualmente, oferecidos por editoras, autores ou outras doações individuais, não substituem os anteriores. «E onde estão?», é a pergunta de quem visita pela primeira vez a Biblioteca Infantil e vê que tudo cabe numa única sala. Mistério. Ou não.

Há muito que a moradia da Rua Kaulsbach se tornou pequena para albergar o legado material de Jella Lepman. Em 1983, a coleção foi transferida para o castelo de Blumenburg, em Munique Oriental. Em transporte público ou privado (leia-se «bicicletas», sobretudo), o acesso continua a ser fácil e a entrada gratuita. É um lugar que faz jus à célebre frase de Jorge Luis Borges: *Siempre imaginé que el Paraíso sería algún tipo de biblioteca*. Ali, como nas histórias de piratas, o tesouro está enterrado. Organizados à semelhança do sistema bibliotecário norte-americano, milhares de livros perfilam-se numa galeria subterrânea em forma de «L», cuja construção contornou as raízes da majestosa tília que guarda a entrada. O catálogo já cresceu tanto que outra parte se acha fora do castelo, a vinte minutos de distância.

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

Só os 25 mil títulos da Biblioteca Infantil (nome da sala) são de acesso imediato, para leitura presencial ou empréstimo, numa amostra representativa de edições recentes em 13 línguas.

A

tual diretora, Christiane Raabe acolhe-nos no gabinete amplo da antiga casa senhorial, mal termina o Festival White Ravens 2016. Sorridente e afável, explica o que mudou desde a Alemanha do pós-guerra. Agora que vivemos numa sociedade globalizada, seria possível criar de raiz um projeto como este? Pensa, por instantes, antes de responder:

«É preciso ver as condições... Naquele tempo, as pessoas estavam fartas da guerra e havia uma esperança de paz e uma fome de leitura. A ideia de Jella Lepman foi abrir uma janela para o mundo – e fazê-lo com livros para crianças foi absolutamente novo. Agora temos outro tipo de desafios, que passam por ter o diálogo *dentro* das nossas sociedades, com emigrantes, com refugiados... O que nós tentamos fazer aqui é usar a literatura para apoiar os projetos de integração, dar a perceber que a cultura é a bagagem com que chegamos. Para mim, esse é o caminho para um futuro de paz.»

O legado material e político de Jella Lepman, assente em valores humanistas, democráticos, multiculturais, progressistas e antibélicos, continua a entusiasmar a equipa de 32 pessoas que aqui trabalha. Longe vai a época em que o projeto dava azo à resistência dos bibliotecários alemães, que não compreendiam como é que os livros podiam circular livremente pelas mãos das crianças. «Isto não é uma biblioteca, é um circo!», acusou uma bibliotecária especialmente furibunda.

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

«A Biblioteca Internacional da Juventude é o centro dessa ideia da importância dos livros para crianças», afirma Christiane Raabe, mencionando a ligação à «família IBBY» (ver *Blimunda* de abril) e aos programas de investigação entretanto fundados, uma das três frentes de atuação da biblioteca. «Temos um programa anual de atividades, no qual se inclui o festival White Ravens, e temos uma equipa de promotores da leitura a trabalhar com as escolas. O que gostaríamos é de mostrar como a leitura de bons livros pode abrir novos horizontes e proporcionar o autoconhecimento. Tal como no tempo de Jella Lepman, continua a ser importante que os livros sejam únicos na sua cultura, ainda que desconhecidos na Alemanha e completamente estranhos à nossa cultura, quer no texto quer na ilustrações.»

A questão que ficou lá atrás pode, enfim, ser concluída: «Não sei se um projeto destes, tão idealista e com um impacto tão global, seria possível nos dias de hoje... mas também penso que não seria necessário.»

Jornalista e escritora, Carla Maia de Almeida escreve atualmente na revista LER sobre livros infanto juvenis, área em que também faz traduções e formação. Tem dez livros publicados. Representou Portugal no Festival White Ravens 2016, em Munique, com mais 14 autores convidados pela Biblioteca Internacional da Juventude

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

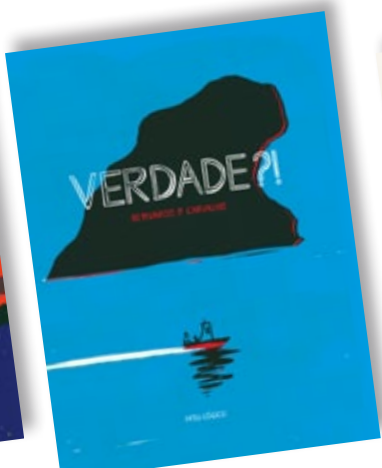
AND THE WINNER IS...

PRÊMIO NACIONAL DE ILUSTRAÇÃO

***Dança*, o álbum sem texto de João Fazenda, que integra a coleção «imagens que contam», da Pato Lógico, foi o vencedor da 20.ª edição do Prêmio Nacional de Ilustração promovido pela DGLAB. Para além desta obra, que prima pela subtileza narrativa e pela coerência formal e põe em evidência a identidade**

plástica do ilustrador, houve ainda lugar a duas menções honrosas. *Verdade?!*, de Bernardo Carvalho, também consta da mesma coleção e narra as aventuras de um marinheiro e do seu cão. *Gato procura-se*, com ilustrações de Yara Kono e texto de Ana Saldanha, editado pela Caminho, trata o tema da morte e da consciência

que dela têm as crianças. *A Casa do Senhor Malaparte*, com ilustrações de Mariana Rio (texto de Joana Couceiro, Circo de Ideias), *Montanhas*, de Madalena Matoso (Planeta Tangerina) e *Quero a minha cabeça*, de António Jorge Gonçalves (Pato Lógico), mereceram ainda o destaque do júri.





VISITA GUIADA

ANDREIA BRITES

A história do ovo e da galinha quase se aplica à editora Tcharan e à livraria Papa-Livros.

Adélia Carvalho abriu a livraria primeiro, e convidou para a inauguração a ilustradora Marta Madureira que tinha acabado de lançar *A ilha encantada* com o escritor José Vaz, sem a conhecer pessoalmente. A abertura da livraria, noutro espaço, foi marcante para a empatia e amizade que se desenvolveu entre as duas e que resultou, depois de um primeiro projeto juntas, *O Livro dos Medos*, na concretização de um sonho conjunto: fundar uma editora.

Hoje, quem entra na Papa-Livros, na zona pedonal da Rua Miguel Bombarda, a rua das galerias, no Porto, nem sempre sabe que também está a entrar na Tcharan.

Ambas nasceram no mesmo dia, a nova Papa-Livros e a editora. Marta Madureira e Adélia Carvalho recordam a história do nome: «Lançámos um concurso de nomes para a editora, queríamos alguma coisa que se associasse a Papa-Livros.», conta Marta. «Usámos as redes sociais e fiz uma brincadeira no texto, acho que acabava com Tcharan!» Adélia continua: «Houve quem achasse que Tcharan também estava a concurso e votou. O Valter Hugo Mãe telefonou-me e disse-me que tinha de ser Tcharan. Mas nós não víamos Tcharan como um nome. Não me via a atender o telefone e dizer: “Tcharan, bom dia!” Mas hoje quando oiço alguém dizer Tcharan acho estranho, parece que estão a falar da editora.» Marta acrescenta uma curiosidade: «Quando fomos a Bolonha, logo em 2011, estávamos a conversar com o Xosé Ballesteros, da Kalandraka, e ficámos a saber que o significado de Kalandraka é semelhante.»

Na icónica parede onde os livros estão expostos de frente, há cada vez mais títulos da editora. Como será quando não houver lugar para as outras? De facto, e embora o objetivo não seja esse, Adélia Carvalho confessou que já sonhou com o dia em que a Tcharan ocupará toda a parede, de cima a baixo. Marta Madureira confirma que é uma inevitabilidade que aquela seja a principal montra da editora. Principalmente perante as dificuldades que têm enfrentado para colocar os seus livros nas livrarias. Mas por enquanto, lado a lado com a Tcharan, há Kalandraka, Planeta Tangerina, Bruaá, Orfeu Negro, Pato Lógico, La Fragatina. Editoras independentes, algumas de amigos, como é o caso de Mar-

VISITA GUIADA: TCHARAN

garida Noronha, da Kalandraka. Também há outros livros das autoras, que não editam exclusivamente na editora que criaram.

A história dos apoios presos à parede foi uma ideia que derivou da experiência da escritora como educadora de infância: as crianças precisam de ver as capas para se apropriarem do livro. Adélia seguiu o mesmo princípio.

Na parede em frente aos livros expõem-se impressões, serigrafias e originais que por vezes acompanham lançamentos realizados no espaço e permanecem depois, podendo inclusivamente ser adquiridas por qualquer interessado.

Mas, apesar das apelativas cadeiras e mesas, onde se pode beber um café e comer um biscoito, nada há naquela ampla sala que remeta para um espaço de trabalho editorial. Efetivamente, as duas sócias costumam trabalhar em casa. Juntam-se na Tcharan para algumas reuniões, mas só Adélia Carvalho sobe de quando em quando para uma pequeníssima *mezzanine* e ali, numa mesa entre originais, maioritariamente colagens de Marta Madureira, consegue um pouco de distanciamento.

É nesta sala que há originais da *Crocodila Mandona*, primeiro título da Tcharan, assim como uma fotografia das duas numa das edições das Correntes d'Escritas e um calendário com ilustrações de David Pintor, que data de 2013. Memórias da editora que se juntam a outros originais que a livraria vende depois de expostos. Livros há por todo o lado, em prateleiras e no vão da janela.

Os autores da Tcharan visitam a editora e a livraria informalmente. Encontram-se em lançamentos, seus e de outros, ali e noutros lugares. Para resolverem questões logísticas ou analisarem projetos editoriais, não é obrigatório que o façam no espaço da Miguel Bombarda. Por ser uma estrutura mínima, apenas com Adélia Carvalho e Marta Madureira, a Tcharan é gerida de forma muito fluida, e não precisa de um gabinete ou uma sala de reuniões. Ambas as editoras têm percursos profissionais paralelos, a primeira como escritora, livreira e dinamizadora de projetos de leitura, a segunda como ilustradora, designer gráfica e professora. É aliás da otimização dessa experiência que se alimenta a Tcharan.

PAPA-LIVRAS

LIVRARIA E GALERIA



CHÁ, CAFÉ OU LARANJADA?



OU UMA LIMONADA?

Verbo salvar e a vida

Limpeza e a vida

de uma fátia de bolo
Levar um fim

chá, café ou laranjeira

Bolachas de
Camela
baseiras

0.50€



chá, café, laranjeira

Bolachas
de sementes
de linhaça
e girassol



0.55€

Beinecare de mână



Texto de Adélia Carvalho
Ilustrações de Marta Madureira

LIVRO DOS MEDOS

TEHARÂN



● **HOMEM DA MALA**

ABÉLIA CARVALHO

JOÃO VAZ DE CARVALHO



Edições
la fragatina













O universo de Catarina Sobral não dispensa, como é notório, um conjunto de referências literárias e culturais que a autora convoca recorrentemente para os seus livros. Mas nunca como neste álbum, editado em maio pela Orfeu Negro, Catarina Sobral tinha ido tão longe. Sem qualquer intenção dissimuladora, as referências a *Metamorfose*, de Franz Kafka, são evidentes. Mais, a narrativa segue de perto alguns dos momentos fulcrais do enredo kafkiano. Não fora um ou outro apontamento de humor cuja leitura se desvenda no final e a composição plástica, e poderíamos chegar a dizer que esta era uma súplica do clássico da literatura universal.

Todavia, se assim fosse, não teria a autora a preocupação de chamar a atenção do leitor mais incauto para a clara presença em pano de fundo de *Metamorfose*, quando, depois da multiplicação de carochas nas guardas de abertura, a página tantas inclui as palavras iniciais da novela, precisamente quando Gregor Samsa se descobre transformado em carocha, num compêndio de entomologia.

A história resume-se assim: Samuel acorda e dá-se conta de que se transformou num hipopótamo. O que fazer? Em primeiro lugar, dominar o corpo, depois tentar confrontar-se com a sua imagem na esperança de se reconhecer, finalmente encontrar uma solução para tamanho constrangimento. Tudo isto a par de um outro dilema: como lidar com a família, que estranha a sua atitude, do outro lado da parede do seu quarto.

Tão Tão Grande **Catarina Sobral** **Orfeu Negro**



Se num primeiro momento, e para o leitor adulto de *Metamorfose*, a tentação reside em encontrar semelhanças, a verdade é que uma segunda leitura, suportada pelo surpreendente final, segue um caminho diametralmente oposto. Samuel, que acorda transformado em hipopótamo é, ou foi, uma criança. Os desenhos e brinquedos espalhados pelo chão não deixam dúvidas. A pergunta de um adulto sobre a altura de ir para a escola reforça ainda mais essa evidência. E todas as descobertas do recém metamorfoseado hipopótamo vão numa só direção: é muito gordo, enorme, já não cabe nos sapatos, sejam

eles de que tipo forem, não quer ir à escola e prefere ficar escondido a brincar, a sua voz soa «tonitruante» e aparece-lhe um bigode. Tudo bate certo com a descrição de um hipopótamo, tanto como com a de um menino que começa a transformar-se em adolescente.

A confirmação é dada pelos pais no final. E todo o absurdo da situação ganha contornos de uma imagem, uma parábola assente na desconstrução de um dos referentes mais emblemáticos da literatura e do pensamento contemporâneos. Apenas com recurso a cores primárias, Catarina Sobral vai acrescentando perspectivas do quarto do protagonista, seguindo ângulos sempre distintos para o desenhar, ora de frente, ora de perfil, ora em grande plano do rosto, ora a partir do chão. O corpo desmedido e desajeitado revela-se justamente nas posições que assume e no que a ilustradora dá a ver ao leitor. Os apontamentos aparentemente didáticos, com recurso a livros técnicos, um planisfério e as medidas do animal alimentam a voz do protagonista, a sua angústia e condição infantil que constituem o principal elemento de humor que atravessa todo o álbum.

A identidade de Catarina Sobral tem vindo a crescer com a assunção de novos riscos e rasgos que funcionam sempre melhor no seu trabalho a solo. A capacidade que revela em dialogar sem pudor com a sua herança cultural e o olhar irónico que tem em relação ao mundo fazem de si uma autora ímpar, de qualidade inquestionável.

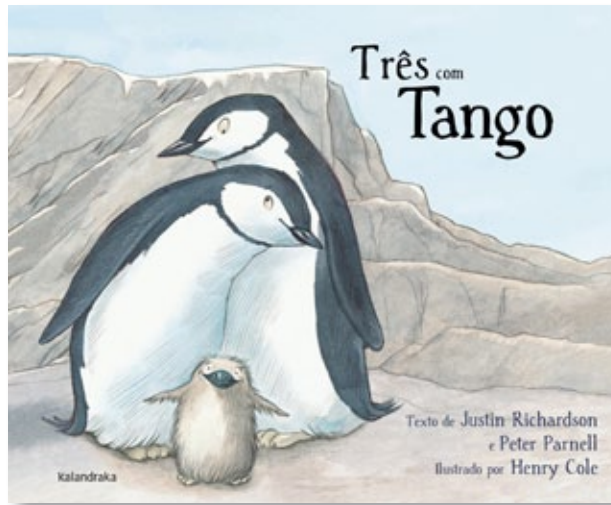
OLHOU-SE,
ESTUPEFACTO. O ESPELHO
DEVOLVEU A IMAGEM



INÉDITA DE UM ENORME HIPOPÓTAMO
A OLHAR-SE, ESTUPEFACTO.

Um bigode! Não... o que mais pode acontecer?

Três com Tango
Justin Richardson, Peter Parnell
Henry Cole
Kalandraka



Onze anos depois da edição original, a Kalandraka edita um dos mais polémicos *picture books* norte-americanos dos últimos tempos. Banido e censurado em muitas livrarias e bibliotecas do país por apresentar uma família homossexual, *Três com Tango* é uma história de amor.

Tal como se explica no final do álbum, a narrativa baseia-se efetivamente em factos reais e as personagens que constam na narrativa existem, ou existiram, todas.

Em resumo, um tratador de pinguins, no jardim zoológico de Central Park, em Nova Iorque, apercebeu-se de que havia entre os vários casais um casal de pinguins constituído por dois machos. A certa altura, é confrontado com a sua frustração por não terem uma cria e o tratador, aproveitando uma oportunidade oferecida por outro casal, dá-lhes um ovo e a possibilidade de se tornarem pais, o que acontece de facto. É este o pomo da discórdia.

Preconceitos à parte, o álbum é composto com bastante singeleza. Texto e ilustração obedecem a um critério de aproximação, começando por enquadrar o tema: de Nova Iorque para o Central Park, das diversas famílias que visitam o zoo às diversas famílias de animais que lá vivem. Cada uma com as suas características específicas. O leitor é então apresentado, numa ilustração de página dupla, à casa dos pinguins e ao processo, muito resumido, de acasalamento. E eis chegado o momento de o

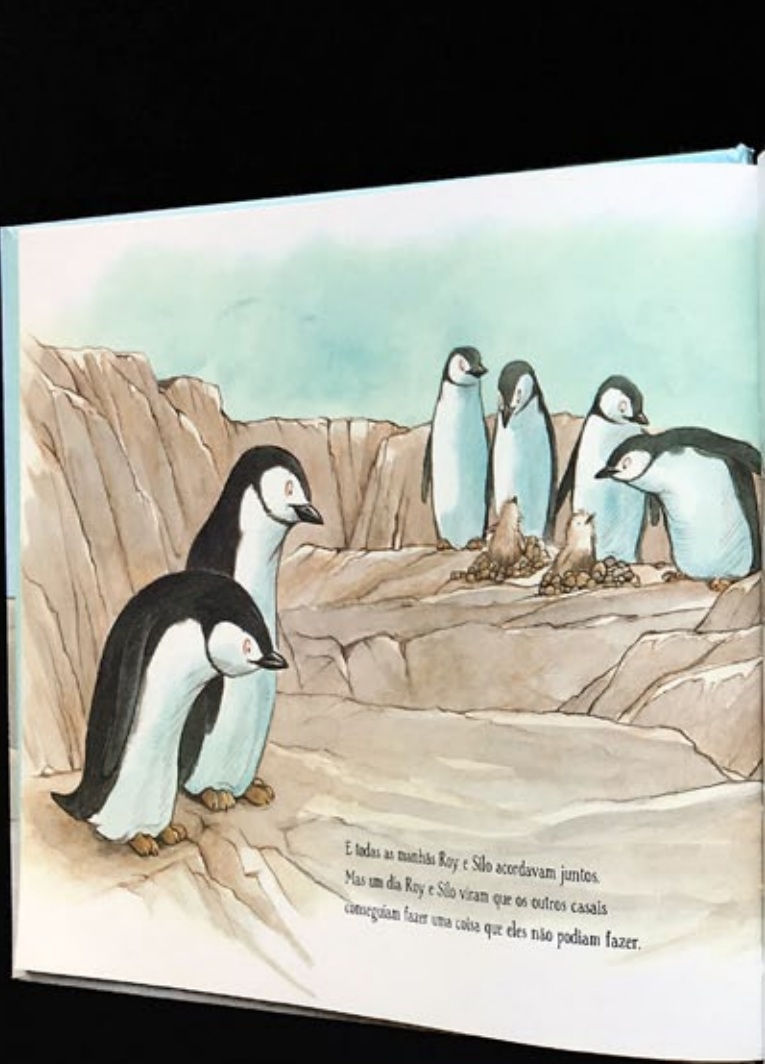
enfoque narrativo ser dado aos protagonistas, Roy e Silo. Demora-se então o texto e a ilustração na enumeração de comportamentos partilhados pelo casal: faziam vénias, caminhavam, cantavam e nadavam juntos. A lembrar outras ilustrações clássicas, como as de Helen Oxenbury, pelos tons pastel, o equilíbrio na dimensão das figuras e a subtilidade da sua expressividade, Henry Cole segue a estratégia de se fazerem suceder vários episódios numa mesma página, criando uma dinâmica de sucessão de ação, rotina e encaixe.

A alternância entre ilustrações de página inteira e dupla página e os três ou quatro momentos numa outra surtem um ritmo de progressão em que se destacam os momentos principais.

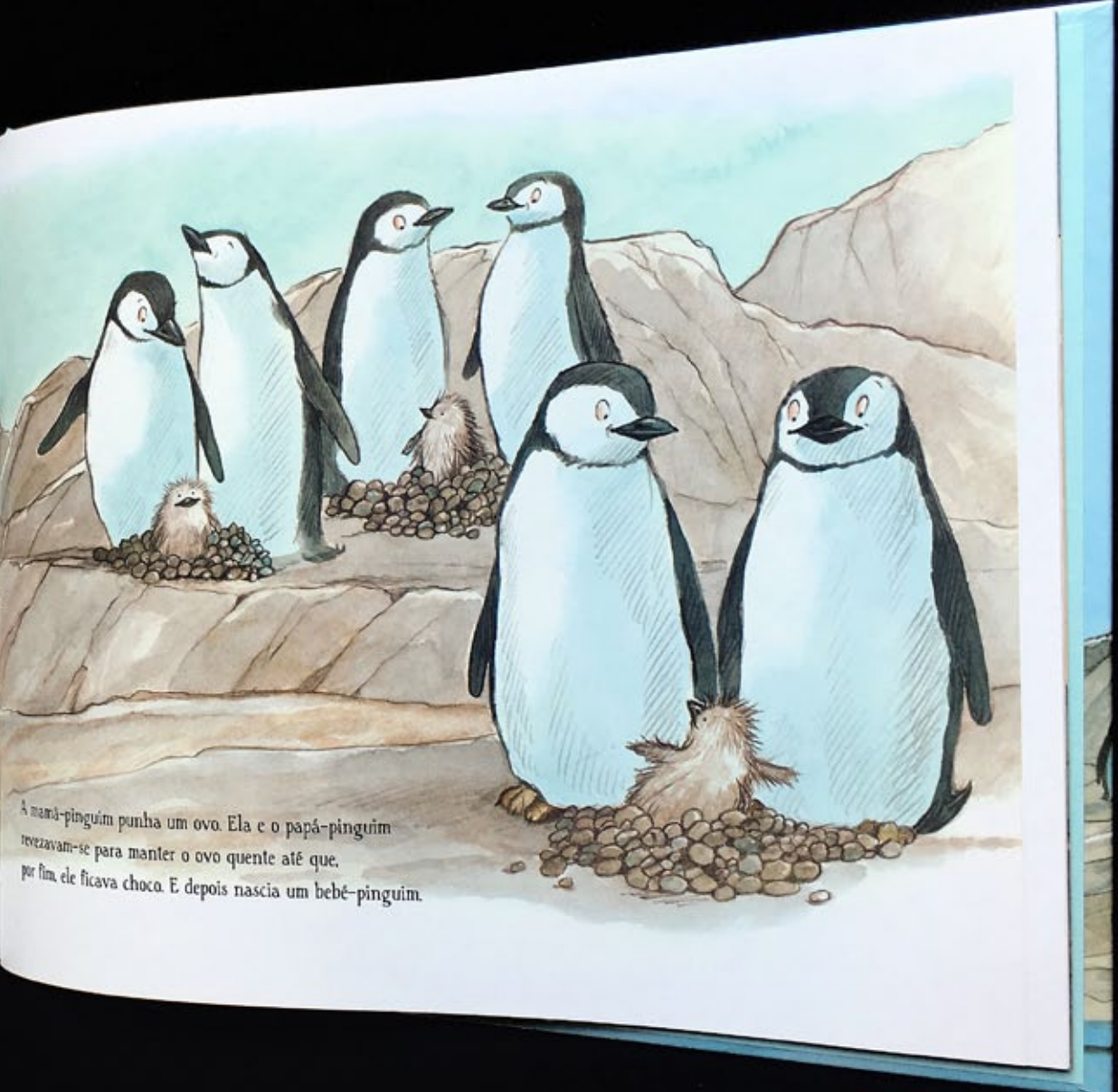
Nesta lógica, depois de estar o leitor familiarizado com o comportamento dos dois pinguins, é a vez de ouvir a voz do tratador que, com toda a naturalidade, legitima a relação dos dois: «Devem estar apaixonados.»

Depois, assistimos às insistentes tentativas do casal para chocar um ovo fictício ou inexistente, perante o sucesso dos pares. A história atinge o clímax quando o tratador consegue encontrar um ovo para os dois futuros pais. Tempo e ação são os eixos centrais da estruturação desta narrativa verídica, e a simplicidade de movimentos e perspetivas vão ao encontro de um depuramento desnecessária ou juízos de valor redundantes.

A história fecha com as famílias, humanas e de pinguins, no Zoo, enfatizando, nessa circularidade, a felicidade de estar em família. Este álbum não vale para ser instrumentalizado e sim para contar uma história real. É mais uma história de família, tema tão versado na literatura infantil. Muito provavelmente, qualquer criança não contaminada por preconceitos ou modelos estereotipados nem se questionará acerca do género dos dois pinguins e valorizará a persistência finalmente premiada em busca desse sonho de ter um filho.



E todas as mães Roy e Silo acordavam juntos.
Mas um dia Roy e Silo viram que os outros casais
conseguiam fazer uma coisa que eles não podiam fazer.



A mãe-pinguim punha um ovo. Ela e o papá-pinguim
revezavam-se para manter o ovo quente até que,
por fim, ele ficava choco. E depois nascia um bebê-pinguim.



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

saramaguiana

UM TEXTO
SÓ SOBRE VIVER
QUANDO
MUDA

ENTREVISTA A ALEJANDRO GARCÍA SCHNETZER

Um argentino radicado na Catalunha lê o texto de um autor português e o imagina-o ilustrado por um artista brasileiro. Essa é a origem de *O Lagarto*, livro que junta as palavras de José Saramago com o traço de J.Borges e que chega às livrarias de Portugal em setembro.

Escrito por José Saramago no começo dos anos 70 e publicado primeiro como crónica num diário, *O Lagarto* ganha agora nova vida na companhia de gravuras do «mestre da xilogravura», o pernambucano José Francisco Borges. O responsável por promover esse encontro entre dois Josés é o editor Alejandro García Schnetzer, que já publicou livros de grandes nomes da literatura mundial como García Lorca, Eduardo Ga-

leano, Juan Gelman e Pablo Neruda – inclusive outro texto de José Saramago, *O Silêncio da Água* (com ilustrações de Manuel Estrada), em 2011.

Em Barcelona, onde vive há 15 anos, García Schnetzer conversou com a *Blimunda* sobre o seu método de trabalho e contou sobre a origem do livro que agora chega às livrarias de Portugal pela Porto Editora.



J. BORGES

Como nasce a ideia de trabalhar sobre uma crónica de José Saramago?

Aconteceu. Uma estória para um álbum pode estar numa carta, num romance, num conto, na resposta a uma entrevista, numa crónica... Há uns anos relia *A Bagagem do Viajante*, um livro admirável de Saramago que compila colaborações suas na imprensa durante os anos 70, e aí estava ela. Um lagarto maravilhoso. Pareceu-me um conto curto, muito cuidado, que se podia ilustrar e configurar-se numa obra aberta a novos públicos.

Porque escolheu esse texto? O que viu nele de especial?

Porque me emocionou, José faz aparecer um lagarto no bairro do Chiado, um sáurio que espalha o pânico entre os transeuntes, mobiliza os bombeiros, o exército, e converte-se numa flor vermelha. O facto é que Saramago o escreveu anos antes da Revolução dos Cravos. Poderia pensar-se, como Kafka, que a arte é um relógio que adianta ou lembrar-se o diálogo que essa estória estabelece com os versos de Drummond de Andrade em *A Flor e a Náusea**, que talvez Saramago conhecesse. Seja como for, pareceu-me uma estória capaz de circular entre os leitores dos 3 aos 99 anos, e que fazia sentido ilustrá-la, porque ainda se pode dizer dela, como de tantas estórias de José, que parece escrita ontem pela manhã.

E o nome do J. Borges, porque pensaram nele para ilustrar esse texto?

Porque J. Borges é imenso. Poderia falar bastamente da minha admiração por ele, do assombro que os seus trabalhos sempre me causaram. Mas aí estão as entrevistas que deu, para quem goste de conhecer o seu trabalho como poeta, gravador e cordelista. Ouvi falar dele em 1993, através de Eduardo Galeano que incluiu gravuras suas no livro *As palavras andantes*. Este volume deu a conhecer

**Uma flor nasceu na rua!/ Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego./ Uma flor ainda desbotada/ ilude a polícia, rompe o asfalto./ Façam completo silêncio, paralitem os negócios,/ garanto que uma flor nasceu.(1945)*



J. Borges fora do Brasil. Pouco depois combinou-se com Eduardo para redesenhar as capas dos seus livros; eu vivia então em Buenos Aires, ainda não existia Internet, e toda a minha informação sobre Borges provinha de Eduardo; e como não podia chegar ao – ou não podia esquecer – que havia escrito na introdução** costumava inquiri-lo sobre o Mestre; e Eduardo, com uma paciência infinita, contava-me, entoava à maneira de exemplo as ladainhas com que vendia os seus romances de cordel pelos mercados do Nordeste, com as suas estórias de mistérios e de aparições, como este lagarto que surgiu no Chiado.

O que é que o leitor que já conhece esse texto do livro *A Bagagem do Viajante* pode esperar de novo nesse livro?

Todo o texto muda quando mudam as formas com que se oferece a leitura. Nenhum texto é igual quando é relido ou encarado através de uma nova apresentação. É o mesmo ler Shakespeare em livro ou vê-lo representado? A repetição não é igualdade, é diferença. Talvez o mais evidente aqui seja que as ilustrações re-significam a estória e se estabelece um diálogo inédito, com uma profundidade diferente. Para quem não conhece a estória – a maioria –, oxalá seja uma surpresa. Só a leitura de cada um terá a última palavra, a única que importa, e se aconteceu ou não a emoção estética.

**Na introdução a *Palavras andantes* (1993), Galeano escreve: «Uma mesa remendada, velhas letrinhas móveis de chumbo ou madeira, uma prensa que talvez Gutenberg tenha usado: a oficina de José Francisco Borges na cidadezinha de Bezerros, no interior do nordeste do Brasil. O ar cheira a tinta, cheira a madeira. As pranchas de madeira, em pilhas altas, esperam que Borges as talhe, enquanto as gravuras frescas, recém-impresas, secam dependuradas no arame de um varal. Com sua cara talhada em madeira, Borges me olha sem dizer nada. Em plena era da televisão, Borges continua sendo um artista da antiga tradição do cordel. Em minúsculos folhetos, conta causos e lendas: ele escreve os versos, talha as pranchas, imprime as gravuras, carrega os folhetos nos ombros e os oferece nas feiras, de povoado em povoado, cantando em ladainhas as façanhas das pessoas e dos fantasmas. Eu vim à sua oficina para convidá-lo a trabalhar comigo. Explico meu projeto: imagens dele, suas artes da gravura, e palavras minhas. Ele se cala. Eu falo e falo, explicando. Ele, nada. E assim continuamos, até que de repente percebo: minhas palavras não têm música. Estou soprando em flauta rachada. O não-nascido não se explica, não se entende: se sente, se apalpa quando se move. E então deixo de explicar; e conto. Conto para ele as histórias de espantos e encantos que quero escrever, vozes que recolhi nos caminhos e sonhos meus, de tanto andar acordado, realidades deliradas, delírios realizados, palavras andantes que encontrei – ou fui por elas encontrado –. Conto a ele os contos; e este livro nasce.» (Texto extraído da tradução de Eric Nepomuceno para a edição brasileira do livro, editado pela LPM)



Quando se publica o livro? Há uma exposição prevista para o Festival de Óbidos, em Setembro, com as xilogravuras de Borges, é certo?

Em Portugal sairá em Setembro, noutros países já começámos a contactar os editores de Saramago. Na exposição do Fólio Festival de Óbidos estarão as impressões e as matrizes de Borges que viajarão desde Bezerros, talhadas em madeira de louro-canela.

E na Festa Literária Internacional de Paraty?

Seria maravilhoso poder levar a mostra à FLIP, convocar Borges e os gravadores do seu atelier para que fizessem workshops de xilogravura. Como poeta, gravador, editor e «promotor» de leitura, o Mestre não tem igual.

Além de Saramago, já trabalhou com grandes nomes da literatura mundial como Juan Gelman, Eduardo Galeano, Julio Cortázar, García Lorca ou Alejandra Pizarnik, entre muitos outros. Em que consiste o seu trabalho como editor nesses casos? Junta sempre um ilustrador e um escitor/escritora? Trata-se de dar uma nova cara, uma nova possibilidade de leitura dos textos?

O meu trabalho parte sempre da leitura e de como os textos se podem re-significar com a ilustração e oferecer novos usos. Se passássemos em revista a trajectória de *O Lagarto*, os seus «estádios de supervivência», como diria Walter Benjamin, identificaríamos dispositivos, leitores e usos muito variados: como colaboração na imprensa, com artigo num livro de crónicas, como texto dramatizado por alunos da primária em Lanzarote, como tradução para o italiano, o castelhano, o sérvio... e agora como álbum em parceria com as xilogravuras de J. Borges. Então qual é a identidade do texto? Todas e nenhuma, suponho. Um texto só sobrevive quando muda, e um livro só existe se é lido; senão, é um cubo de papel.



J. BORGES

QUEM É J. BORGES?

José Francisco Borges (Bezerros, Pernambuco, 1935). É um dos maiores artistas da xilogravura popular no Brasil, e uma figura-chave da tradição de cordel. Aos 12 anos ingressou na escola, mas abandonou-a dez meses depois para trabalhar como pedreiro, pintor, carpinteiro e vendedor ambulante. Quase sem educação formal. J. Borges alfabetizou-se para ler os versos de cordel e em 1964 publicou a sua primeira obra no género: O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petronila, a que se seguiram mais de duzentos cordéis até aos dias de hoje. O seu trabalho foi objecto de exposições nos Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Suíça, México e Venezuela. Em 1990 recebeu a Medalha de Honra da Fundação Joaquim Nabuco; em 1999 foi distinguido com a Ordem de Mérito Cultural do Governo do Brasil; em 2000, com o Prémio Cultural da UNESCO e em 2006 foi reconhecido como Património Vivo de Pernambuco.

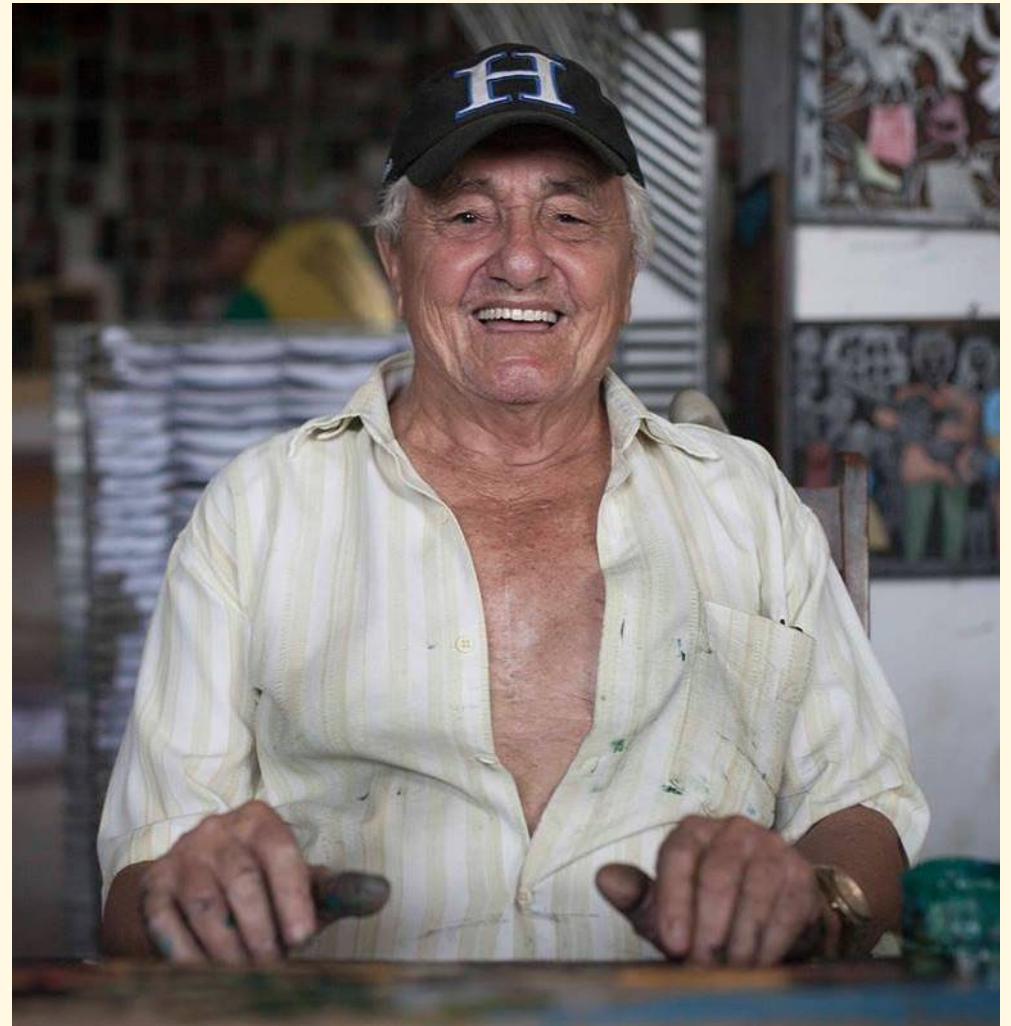


FOTO DE DIVULGAÇÃO/MEMORIAL J. BORGES



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



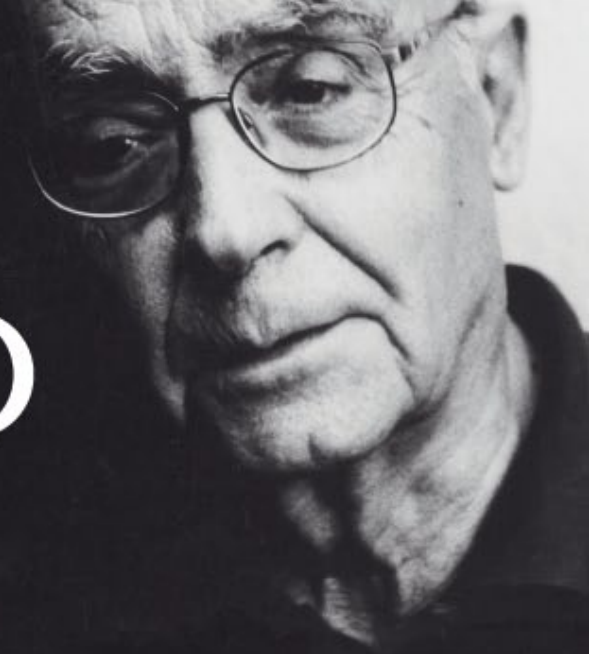
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



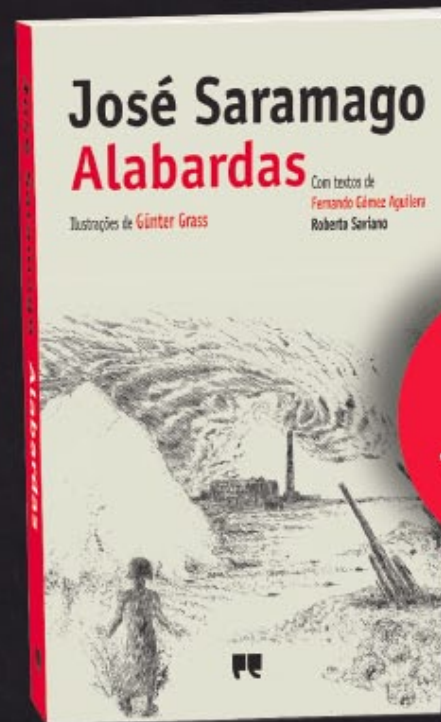
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, Cadernos de Lanzarote

A Casa José Saramago

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote - Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



até
28 ago

Os Realistas

A partir do texto de Will Eno, uma peça sobre as relações humanas protagonizada por dois casais de vizinhos que se descobrirão mutuamente. Rio de Janeiro, Teatro Maison de France.

→

até
31 ago

Mário de Sá-Carneiro, «o homem são louco»

Exposição biobibliográfica dedicada a Mário de Sá-Carneiro, recuperando o termo que o seu amigo Fernando Pessoa usou para o descrever. O comissariado é de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.

→

até
11 set

Feira de São Mateus

É a mais antiga feira franca da Península Ibérica. O programa inclui concertos, mas é a própria feira e os seus feirantes que merecem uma visita, a lembrar que nem só de palcos, livros e arquitetura se faz o património. Viseu, Largo da Feira.

→

até
17 set

As Escolhas do Arquiteto

Ciclo de cinema no âmbito da exposição Eduardo Souto de Moura: Continuidade, com filmes escolhidos pelo arquiteto Souto de Moura. Lisboa, Centro Cultural de Belém.

→

até
18 set

Matéria-Prima: Um Olhar Sobre o Arquivo de Álvaro Siza

Exposição que reúne maquetes, esboços, atas de reuniões e vários outros materiais do arquivo de Álvaro Siza Vieira, mostrando um outro olhar sobre a arquitetura. Porto, Fundação Serralves.

→

A G O S T O

até
25 set

Transiciones.
Diez años que
trastornaron
Europa

Entre a eleição de
Margaret Thatcher
como primeira-
ministra do Reino
Unido, em 1979, e
a queda do Muro
de Berlim, em 1989,
esta exposição
reúne fotografias
de muitos autores
sobre a década de
tantas mudanças
européias.
Madrid, Círculo de
Bellas Artes.
→

até
25 set

Noveno Premio
Auditório de
Galiza

Exposição que
reúne os trabalhos
selecionados
por este prémio,
mostrando
quarenta peças
criadas com as mais
diversas linguagens.
Santiago de
Compostela,
Auditório de Galiza.
→

até
30 set

Banhos de
Lama

Instalação de
Andrea Inocêncio
criada a partir dos
trabalhos de oito
ceramistas que,
durante o último
festival Tom de
Festa, mostraram
ao vivo as muitas
potencialidades da
roda de oleiro.
Tondela, Novo Ciclo
ACERT.
→

até
29 out

Já Não Sou Eu
Que Vivo

Exposição de
banda desenhada
de Francisco
Sousa Lobo,
acompanhando
o lançamento do
livro *It's no longer I*
that liveth, a editar
pela Chili Com
Carne e pela Mundo
Fantasma.
Porto, Galeria
Mundo Fantasma.
→

até
11 dez

La Màquina de
Pensar: Ramón
Llull i l'ars
combinatoria

Exposição que
reflete sobre o
impacto e os ecos
da obra de Ramón
Llull (1232-1316) nas
artes, nas ciências e
na tecnologia atuais.
Barcelona,
Centre de Cultura
Contemporània.
→

Como te chamas, Jesus, foi o que respondeu, e não disse de Nazaré, porque já o tinha declarado, como ela, por ser aqui que vivia, não disse de Magdala, quando, ao perguntar-lhe ele por sua vez o nome, respondeu que Maria. Com tantos movimentos e observações, acabou Maria de Magdala de fazer o penso ao dolorido pé de Jesus, rematando-o com uma sólida e pertinente atadura. Aí tens, disse ela, Como te devo agradecer, perguntou Jesus, e pela primeira vez os seus olhos tocaram os olhos dela, negros, brilhantes como carvões de pedra, mas onde passava, como uma água que sobre água corresse, uma espécie de voluptuosa velatura que atingiu em cheio o corpo secreto de Jesus. A mulher não respondeu logo, olhava-o, por sua vez, como se avaliasse, a pessoa que era, que dinheiros bem se via que não estava provido o pobre moço, e por fim disse, Guarda-me na tua lembrança, nada mais, e Jesus, Não esquecerei a tua bondade, e depois, enchendo-se de ânimo, Não te esquecerei a ti, Porquê, sorriu a mulher, Porque és bela, Não me conheces-te no tempo da minha beleza, Conheço-te na beleza desta hora.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo